



“SOU UM MENINO DIFERENTE QUERIA SER UMA MENINA, ACHO LINDO USAR ESMALTE”: REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS SOBRE AS DIFERENÇAS EM AÇÕES DO PIBID

Juliana Graziella Martins Guimarães¹
Priscila Natalícia Bernardo²
Breno Alvarenga Almeida³

Resumo

Este artigo apresenta a problematização das ações desenvolvidas pelo PIBID Pedagogia-Gênero e Sexualidade, da Universidade Federal de Lavras com a leitura do livro “Tudo bem ser diferente”, de Todd Parr, para crianças dos 1º e 3º anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola pública municipal de Lavras - MG. Foram utilizados recursos como projeção de multimídia para que todas acompanhassem a leitura, papéis e canetinhas para que cada uma pudesse fazer o registro. A leitura suscitou relatos marcados pelas diferenças, resistências e trocas de saberes e experiências. Para elas preconceitos sofridos devido a cor da pele, separação dos pais e mães, traços físicos marcantes e outros relacionados às questões de gênero e sexualidade transformaram em aceitação do outro e de si mesmos/as.

Palavras Chave: Pibid, diferença e relações de poder.

Pibid Pedagogia- Política educacional como possibilidade na discussão de Gênero e Sexualidade


O Programa Institucional de Bolsas para Iniciação à Docência- PIBID reúne estudantes dos cursos de licenciatura, com o intuito de possibilitar ações dentro do espaço escolar. De acordo com Cláudia Maria Ribeiro e Carolina Faria Alvarenga (2014, p. 190), o trabalho do Pibid Pedagogia Ufla – Gênero e Sexualidade tem como finalidade refletir, planejar e desenvolver “ações que contribuam para redução da discriminação e preconceito social na escola”, bem como possibilitar “a interação entre a universidade por meio das licenciandas e licenciando que integram este [grupo do] Pibid e a escola, e contribuir com a formação continuada no contexto escolar”.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Lavras. Graduada em Pedagogia. Ex-bolsista do Pibid Pedagogia Gênero e Sexualidade. Integrante do grupo de pesquisa Relação entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente - Fesex. Email: jujugraz@hotmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Lavras. Graduada em Pedagogia. Ex-bolsista do Pibid Pedagogia Gênero e Sexualidade. Integrante do grupo de pesquisa Fesex. Email: priscilapnbo@hotmail.com

³ Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Lavras. Graduado em Pedagogia. Integrante do grupo de pesquisa Fesex. Email: brenoalvarenga554@gmail.com





No início de 2015, surgiu a possibilidade de desenvolver as ações em uma Escola Municipal com os anos iniciais do Ensino Fundamental. O trabalho teve início com uma oficina que reuniu as educadoras da instituição. Esse espaço possibilitou às profissionais a troca de experiências, conhecimentos e práticas sobre gênero e sexualidade. Foi um momento rico de preparação para o trabalho que viria a seguir, afinal, não se tratava apenas de elaborar uma oficina pedagógica ou mesmo uma atividade diferenciada, pois essa não busca somente o entendimento daquilo que está sendo dito, mas trazer inquietações e promover diálogo no espaço escolar.

Um mergulho no mar de desafios: Problematizando diversidade na escola

Por meio das falas das educadoras, carregadas de padrões e modelos sociais idealizados por uma sociedade machista⁴ e patriarcal⁵, discursos de certo-errado, pode/ não pode e “verdades absolutas” que são muitas vezes repassados às crianças, podemos perceber a importância e a necessidade de se trabalhar a temática diversidade sexual e gênero nas escolas. Stuart Hall (2000 p. 111) aponta que as identidades são construídas por meio da convivência que estabelecemos em família, na escola e na sociedade. Para ele “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”.

Diante do exposto, perguntas geram perguntas: quem são as crianças envolvidas? Quais são as concepções que têm sobre as relações de gênero e sexualidade? Que textos culturais desencadeiam suas falas? Como essas crianças, por meio do brincar, jogar, se expressam e se identificam com masculino ou com o feminino?

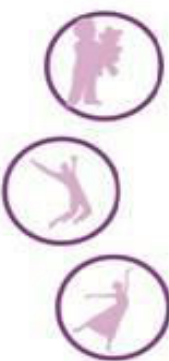
Quando paramos para refletir o que é ser diferente, somos convidados/as a pensar não apenas na multiplicidade étnica, social e cultural que nos constitui como seres humanos, mas em como percebemos o outro em suas características e diferenças. Nessa esteira, Carlos Rodrigues Brandão (1986 apud GUSMÃO, 2000, p. 12) destaca que “o diferente e a diferença são partes da descoberta de um sentimento que, armado pelos símbolos da cultura, nos diz que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou”.

O referencial teórico como aporte para as (inter)ações

⁴ Segundo Janaína Cortes; et.al. (2015, p. 133-134), o machismo é reconhecido pelo senso comum como a cultura de superioridade, exercido pelo homem no que se refere ao seu modo de pensar e agir de forma a subjugar o sexo feminino na compreensão de inferioridade.

⁵ Em seu texto “Gênero, poder e empoderamento das mulheres”, Ana Alice Costa (2000, p. 38) diz que “patriarcado é a organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquétipo viril)”.





Na escola, as marcas da diferença ficam mais evidentes. Nesse espaço, os sujeitos envolvidos são meninos e meninas que aprendem, interagem e compartilham suas vivências familiares, memórias, histórias, imagens e vão construindo suas identidades. Em consonância com essa afirmação, Nilma Lino Gomes (2013) nos ensina que:

A escola é vista, aqui, como uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade. É essa visão do processo educativo escolar e sua relação com a cultura e a educação — vista de uma maneira mais ampla — que nos permite aproximar e tentar compreender melhor os caminhos complexos que envolvem a construção da identidade (GOMES, 2003, p. 170-171).

Dessa forma, Tomaz Tadeu Silva (2003, p. 75) nos mostra que a “identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo, a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada”. Nesse sentido, as identidades são construções históricas e culturais que trazemos conosco e que são permeadas por relações de poder, significados e verdades impostas aos corpos que determinam como ser menina ou como ser menino, o que é “certo” ou “errado”, “normal” ou “anormal” e ainda o que é “aceitável” e o que não é.

Esses discursos tidos como “verdadeiros” que são trazidos de casa e reproduzidos dentro da instituição escolar, por aqueles sujeitos aqui anteriormente mencionados, e que muitas vezes classificam e excluem corpos e expressões por não apresentarem a formatação legítima, levam-nos a refletir com Michel Foucault (1999) que:


[...] para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Destarte, vislumbram-se novas possibilidades e metodologias que contribuam com a valorização, a percepção e a visibilidade às múltiplas diferenças e identidades, buscando formas de compreensão de si e do outro, novas concepções e novos saberes.

Métodos e práticas: Entretecendo ações e saberes

Para criar um ambiente diferenciado que instigasse a reflexão e interação das crianças, foi escolhido o espaço da biblioteca organizado de modo que elas pudessem acompanhar a leitura; exibimos o livro “Tudo bem ser diferente”, de Todd Parr, em slides. A leitura suscitou diversos relatos e vivências na escola e até mesmo dentro de casa. As crianças foram





convidadas a pensarem em um “tudo bem” diferente do que haviam visto no livro. Para as crianças, preconceitos sofridos como aqueles relacionados à cor da pele, separação dos pais e mães, traços físicos marcantes, realidade social, influência de padrões idealizados pela sociedade dominante e as relações de gênero transformaram em aceitação do outro e de si mesmos/as.

Comentários como: “Meu pai disse que tenho orelhas grandes, que pareço o Dumbo, aquele elefante”. “Sou um menino diferente, queria ser uma menina. Acho lindo usar esmalte”. “Tia, eu queria ser menino. Gosto de usar roupa de menino, mas ninguém deixa”. “Eu tenho duas casas, mas moro com a minha avó”, e inquietações que se referiam às experiências no ambiente familiar foram surgindo ao longo das nossas conversas.

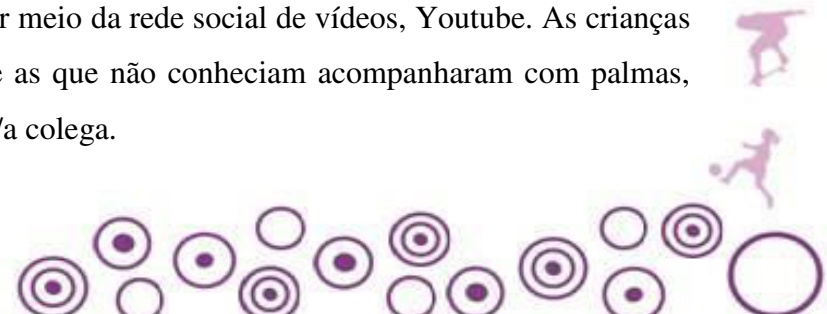
Nesse contexto, a família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento e na maneira que as crianças veem o mundo. Para Ana Maria Arón (1994, p. 37), “a família é considerada como a matriz social em que são aprendidos os primeiros comportamentos interpessoais. Ela é vista como a maior agência de socialização em nossa sociedade”.

E o que é ser diferente? Para as crianças que participaram das oficinas ser diferente é não ser igual. É usar roupas coloridas, ser preto, branco, amarelo, verde, ser menino ou ser menina, ser careca, ou cego, ter dentes ou “janelinhas”, brincar de bola e usar esmalte sem que nada disso seja um problema, ou cause algum constrangimento. As diferenças e suas marcas que as crianças expressaram em suas falas e desenhos nos convidam a refletir com Constantina Xavier Filha (2012) quando esta nos diz que:

O termo [expressão] nos leva a pensar nas expressões como formas de comunicação das crianças e entre elas, como maneira de expressar suas vontades de saber, que são vivenciadas de diferentes formas conforme diferentes sujeitos. As expressões de sexualidade na infância podem ser pensadas de forma não essencialista e determinista, pois dependerão de situações e de interesses diversos de cada criança (XAVIER FILHA, 2012, p. 25).

Nos desenhos, representações como: tudo bem ser orelhudo, tudo bem ter dois pais e duas mães, tudo bem ser cego, tudo bem meia de cor diferente, tudo bem não ter brinquedos e tudo bem ser preto, tudo bem caçar, tudo bem ser menino, tudo bem jogar futebol, são alguns exemplos de como as crianças interpretam as diferenças e as (re) significam por meio das influências que recebem a partir do contexto social em que estão inseridas.

Após a leitura, foi exibido um videoclipe da música “Ninguém é Igual a Ninguém” de Milton Karam, disponível na internet por meio da rede social de vídeos, Youtube. As crianças que conheciam a letra cantaram junto e as que não conheciam acompanharam com palmas, risadas e apontando as diferenças para o/a colega.





As vozes das crianças

Pedimos que cada uma falasse qual diferença achou mais interessante daquelas que foram apresentadas no livro. Durante a conversa, ouvimos:

Alguns relatos das crianças

- *Sou negro e me sinto negro, mas tudo bem né?!*
- *Tudo bem não ser magro, né?!*
- *Tudo bem não querer brincar. .*
- *Tudo bem ser pobre.*
- *Tudo bem ter meia furada.*
- *Tudo bem brincar com bonecas.*
- *Tudo bem morar com a avó.*
- *Tudo bem ser menino.*
- *Tudo bem ser menina e não ser menino.*
- *Tenho dois pais, um mora na cidade e o outro na roça, mas tudo bem.*
- *Sou diferente, gostaria de ser uma menina, porque acho lindo usar esmalte.*
- *Também sou diferente porque eu gostaria de ser menino para jogar futebol.*
- *Minha mãe fica brava com meu padrasto e com meu irmão e desconta em mim e não tá tudo bem isso.*
- *Os adultos fazem assim mesmo, descontam na gente quando bebem e não tá tudo bem.*
- *Meu pai diz que minhas orelhas são grandes, mas tudo bem!*
- *Eu tenho um irmão que é diferente de mim, ele é japonês porque o pai dele é japonês, tudo bem né?!*

As oficinas foram encerradas e propusemos que para a semana seguinte, cada criança deveria pensar em algum “tudo bem” diferente do livro. Em algo que realmente fosse importante para cada uma delas. Cada criança fez seu desenho de acordo com o “tudo bem” escolhido.


Para a capa do livrinho que elas produziram, tiramos uma foto de toda a turma. Em um último encontro relacionado ao trabalho com o referido livro, convidamos as crianças a irem até a biblioteca para assistirem inicialmente o vídeo clipe da música “Ser diferente é normal”⁶, de Vinícius Castro. Em seguida, cada criança pode visualizar o seu “tudo bem” e o “tudo bem” escolhido e desenhado pelo/a colega. Ao final, nós da equipe Pibid Pedagogia/Ufla - Gênero e Sexualidade iniciamos a problematização de cada “tudo bem”, ouvindo as explicações das próprias crianças autoras e de suas colegas, somando às indagações e fazendo ponderações, quando necessário.

Ouvimos explicações como:

- *Escolhi tudo bem ser cego porque minha mãe é cega e eu gosto dela e por isso acho tudo bem. Quando fico no sol muito tempo fico preto, mais preto e por mim tudo bem. Gosto da minha cor! Então, tudo bem ser preto.*
- *Vou de carro pra roça com meu pai, então tudo bem ter carro.*
- *Tudo bem um menino ter um brinquedo e o outro não, porque tem gente que tem uns brinquedos que a gente não tem, porque tem gente que tem dinheiro pra comprar e outras pessoas não têm.*

⁶ Música composta por Vinícius de Castro em parceria Adilson Xavier em 2012, para a campanha nacional “Ser diferente é normal” promovida pelo Instituto Meta Social. A letra fala das diferenças, direitos e singularidades das pessoas. Letra disponível em: <http://www.vagalume.com.br/vinicius-castro/ser-diferente-e-normal.html>. Acesso em: 22 abr. 2016.





- *Meus olhos tem grau alto, então tudo bem usar óculos.*
- *Homem tem coração grande e mulher tem coração pequeno, então tudo bem ter coração grande ou pequeno.*

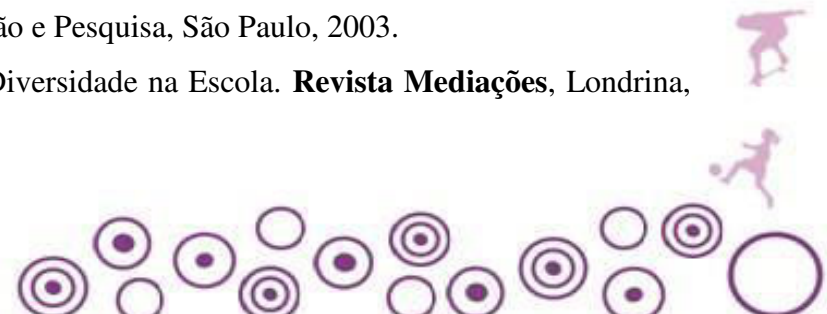
Tais ações possibilitaram a construção do conhecimento de maneira espontânea e participativa. As crianças puderam expor suas ideias, experiências, vivências e sugestões demonstrando que momentos como esses estimulam a cooperação, a reflexão, o respeito e a aprendizagem contínua.


Considerações que não têm fim

Atentas e atento à heterogeneidade e pluralidade do outro, enquanto equipe, abrimos espaço para a interação, socialização e respeito não agindo apenas no conformismo denunciando as diferenças, mas aceitando o desafio de (re) conhecer a diferença que nos convida a construir uma nova proposta pedagógica.

A partir da subjetividade das crianças, emergiram fantasias, vontades, tristezas, gritos e denúncias. As falas e representações permitem um diálogo com o referencial utilizado pelo grupo na construção de conhecimento-permeiam as discussões de gênero e sexualidade.

Referências

- ARÓN, Ana Maria e MILICIC, Neva. (Trad. de Jonas Pereira dos Santos). **Viver com os outros – Programa de desenvolvimento de habilidades sociais**. Editoril Psy II. 1994.
- CORTES, Janaína; SILVEIRA, Thiago; DICKEL, Flávio; NEUBAUER, Vanessa. A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional. **Anais do XVII Seminário Internacional de Educação do Mercosul**. Cruz Alta, RS: Universidade de Cruz Alta, 2015. Em: <http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/> 21. Acesso em: 02 mai. 2017.
- COSTA, Ana Alice. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. In: **Seminário de Aprofundamento do Trabalho com Gênero no Pró-Galvão: Textos de Apoio I**. Vitória da Conquista, BA: Pró-Galvão, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GOMES, Nilma Lino. **Identidade Negra e Formação de Professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2003.
- GUSMÃO, Neusa M. M. Desafios da Diversidade na Escola. **Revista Mediações**, Londrina, v.5, n.2, p.9-28, jul/dez, 2000.
- 



HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

RIBEIRO, Cláudia Maria; ALVARENGA, Carolina Faria. “Tranca a Porta! Não deixa elas saírem” – um contexto para emergir as expressões das crianças sobre gênero e sexualidade. **Revista Textura**. 2014, n.32, PP. 187-207. set./dez. 2014. Em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1251>. Acesso em: 02 mai. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 73-102.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Sexualidade, Gênero e Diferenças na Educação das Infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catlogação na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

